



O berço da ética

A bondade já nasce com a gente? Durante muito tempo, imaginamos o bebê como uma página em branco. Um pequeno ser neutro, à espera de que o mundo escrevesse nele suas virtudes ou suas sombras. Mas a ciência — essa eterna desmancha-prazeres das certezas fáceis — começou a sussurrar outra história.

Em laboratórios silenciosos, com bonequinhos subindo e descendo morros de madeira, pesquisadores observaram algo curioso: bebês que ainda nem falam, nem andam, nem pagam boletos... já parecem preferir quem ajuda a quem atrapalha.

Eles olham mais tempo. Estendem a mão. Escolhem, quando podem escolher. Como quem diz, em linguagem pré-verbal: — Hum... esse aqui eu gostei mais. Não é pouca coisa.

Alguns estudos mais recentes mostram até sinais precoces de desconforto diante da injustiça. Outros apontam que, antes mesmo da palavra “empatia” existir no vocabulário da criança, o corpo já sabe se inclinar na direção do cuidado.

Mas — e aqui mora a beleza da

ciência honesta — nem tudo é consenso. Pesquisas mais novas também lembram que esse tal “senso moral” ainda é frágil, instável, profundamente moldável. O bebê não chega pronto. Chega... permeável.

E talvez essa seja a palavra mais importante de todas.

Permeável ao vínculo.

Permeável ao ambiente.

Permeável ao clima emocional que o recebe.

Porque se existe hoje um ponto de convergência entre neurociência, psicologia do desenvolvimento e teoria do apego é este: o embrião da ética humana floresce — ou se retrai — dentro da experiência relacional.

Não basta nascer com um radar sensível para o outro. É preciso que haja outro.

Outro disponível.

Outro previsível.

Outro suficientemente regulado para corrigir.

É no colo — não no código genético — que a moralidade começa a ganhar textura.

Quando um bebê é consolado, algo muito silencioso acontece dentro dele: o mundo deixa de ser um lugar caótico e passa a ser um lugar habitável. E um sistema nervoso que aprende cedo que o mundo é habitável tem muito mais chance de se tornar um sistema nervoso capaz de cuidar.

Talvez seja por isso que me comove tanto essa nova fronteira da ciência. Porque ela não romantiza o ser humano... mas também não o condena.

Ela sugere algo mais sutil — e, para mim, mais esperançoso:

Não nascemos bons.

Não nascemos maus.

Nascemos profundamente sensíveis

ao campo de amor (ou à falta dele) que nos recebe.

O que fazemos com essa sensibilidade... aí já é uma obra coletiva.

E é por isso que toda vez que alguém me pergunta onde começa a construção de uma cultura de paz, eu penso menos em tratados internacionais e mais em quartos silenciosos às três da manhã.

Um adulto cansado pegando um bebê no colo.

Um choro sendo respondido.

Um pequeno sistema nervoso aprendendo, pela primeira vez:

— O mundo me escuta.

Porque talvez — só talvez — o primeiro tijolo da ética humana não seja uma regra.

Seja um colo.

E, se for... ainda dá tempo de a gente fazer muita coisa bonita por aqui.

